

# Limani

4

LINGUÍSTICA E LITERATURA

REVISTA SEMESTRAL DO DEPARTAMENTO DE LETRAS MODERNAS  
FACULDADE DE LETRAS — UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE

ANO 3 MAPUTO MAIO, 1988

## FICHA TÉCNICA

Título: Limani - Linguística e  
Literatura

Comissão de Coordenação: Bento Siteo  
Gilberto Matusse  
Gregório Firmino  
Inês Machungo

Editor: Departamento de Letras  
Modernas  
Núcleo Editorial da U.E.M.

Composição: Bento Siteo

Reprodução: Divisão Gráfica da U.E.M.

Número de Registo: 055/INLD/PUB-88

Maio de 1988

Limani - Linguística e Literatura  
Caixa Postal 257, Maputo, R.P.Moçambique

EMPREGOS DE V PREP N<sub>1</sub> EM DERIVA  
NO PORTUGUÊS ORAL DE MAPUTO

Maria José Albarran Carvalho \*

(sob orientação de J. Fonseca)

0. INTRODUÇÃO

"A adopção da Língua Portuguesa como língua oficial em Moçambique, a partir da Independência Nacional, significou automaticamente a institucionalização de um bilinguismo generalizado, sendo o Português uma língua segunda para a maioria dos Moçambicanos."

Cito M. J. Carrilho (1986:1) autora da primeira pesquisa, individual, relativa à análise de erros, sobre a língua portuguesa (L<sub>p</sub>) escrita por utentes falantes nativos de diversas línguas bantu (L<sub>b</sub>), faladas em Moçambique, finalistas da escolaridade primária. Este bilinguismo funcional, em generalização, abrange, por enquanto, menos de 1/4 populacional, tendo em consideração que o último censo da população, realizado em 1981, assim quantifica o total de falantes da L<sub>p</sub>, dos quais precisa que apenas 1,2% a utiliza como língua primeira (L<sub>1</sub>). Saliento que a informa

---

\* Mestrada em Linguística do Português. Funcionária do INDE.

ção linguística abrangida por este recenseamento se obteve na condicionante de registar como bilingue/ plurilingue todo o indivíduo usuário de uma ou mais línguas para além da sua  $L_1$ , circunstância que não dá conta das áreas comunicativas cobertas pelas diferentes línguas em contacto, nem do grau de competência atingido nos respectivos usos. Apesar das limitações, o censo populacional verifica que, no mínimo, 70% dos jovens em idade escolar contacta com a  $L_p$ , língua oficial ( $L_0$ ) através de uma educação formal progressiva: "em contexto de  $L_1$ , de modo controlado por via formal-institucional, geralmente numa situação de sala de aula" modo de aprendizagem descrito por A. C. Franco (1986:1).

De acordo com I. H. Faria (1984) a produção linguística é também regulada pela intervenção de factores sociolinguísticos, por ela demonstrados para o português contemporâneo como  $L_1$ , em função de certas variáveis sociais, num quadro teórico bernsteiniano. Da referida investigação interessa reter a variável nível de instrução de modo a identificar casos de derivação face ao modelo da  $L_p$ , definido pela norma dos falantes nativos europeus, e a pesquisar a existência de eventual novo modelo da  $L_p$ , em actualizações de falantes não nativos. Critérios de frequência<sup>1</sup> e de funcionamento da comunicação autorizariam a distinção entre hipotético novo modelo, a descrever nos falantes de instrução mais alta, e linhas de investigação relativa à actualização de sequências errôneas sobretudo pelos utentes de mais baixo grau de escolaridade.

Circunscrevo o presente objecto de estudo à catalogação, das ocorrências V Prep  $N_1$ , exclusivamente não locativas, diferenciadas das condições prescritas pela tabela<sup>2</sup> de restrições do português europeu ( $P_e$ ) padrão.

A compilação destas sequências, em variação, visa melhorar os níveis de aprendizagem da  $L_0$ , fornecendo elementos que optimizem a didáctica da  $L_p$  como  $L_0$ .

A hipótese prévia é a de considerar corrigíveis construções mais típicas dos níveis baixos de instrução, pouco frequentes e/ou ambíguas, relativamente às quais serão de aduzir, explicações enquadradas por duas metodologias complementares - a análise contrastiva e a análise de erros.

## 1. METODOLOGIA

A rápida análise distribucional do objecto de estudo solicitado (vide 2.) faculta a descrição e classificação das sequências estruturais em variação. A ultrapassagem do mero inventário constitui este trabalho, num contributo para se detectar, nas actualizações erróneas, em que fase da aprendizagem progressiva da  $L_0$  os inquiridos se situam e porquê.

Na minha perspectiva, tanto privilegio o método contrastivo que focaliza a interferência do substrato, numa perspectiva inter-linguística, como a metodologia da análise de erros, que prioriza problemática intra-linguística, preconizando o erro como até necessário no percurso sucessivo que cada falante tem à sua frente<sup>3</sup> - competências intermediárias que separam a competência nula da competência adquirida, como inter-língua. Desta, muito sucintamente e à base da 'performance', apenas abordo os pares padronizados/não padronizados de cada item verbal preposicionado em deriva, sem considerar os contextos comunicativos pois não se trata de dois sistemas linguísticos descritos, em confronto, mas sim de hipotética variação, na  $L_p$ , não havendo nenhuma descrição da  $L_0$  de Moçambique que lhe defina um comprovado carácter de variante. O precário conhecimento científico nesta área limita-me à comparação de sequências estruturais.

Usando o suporte teórico de ambas as linhas de orientação metodológica faço minhas as palavras de A. C. Franco (1986:10) ao destacar "o princípio da relação de complementariedade e não de polaridade" entre elas.

## 2. 'CORPUS'

Como objecto de análise utilizo o Anexo da minha dissertação de Mestrado em Linguística Portuguesa Descritiva, entregue à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, por constituir o único 'corpus' solícitado segundo a variável nível de escolaridade. Constituído por extensão discursiva igual a 60 000 palavras gráficas<sup>4</sup>, metade corresponde a falantes que completaram o grau primário ( $N_1$ ) e outra a falantes de instrução igual ou superior à 9ª classe ( $N_2$ ), na condição 'sine qua non' de serem falantes nativos de  $L_b$ , situados na faixa etária dos 18-30 anos. O 'corpus' é formado por inquiridos residentes em Maputo há pelo menos 8-10 anos, no caso de não serem naturais da capital, trabalhadores dos sectores laborais mais representativos da capital.

## 3. V PREP $N_1$ NA NORMA DO PE E NO 'CORPUS'

A. Meira (1985:1) analisa o comportamento sintático de várias classes de V com complementos nominais preposicionados, Prep  $N_1$ , das quais, para tabela referente das sequências derivantes recolhidas da amostragem de Maputo, uso aferido, refiro apenas as não locativas, ilustradas pelo mencionado autor em (1)-(3):

- (1) O João telefonou à Maria.
- (2) Convém aos agricultores que não haja trovodas.
- (3) (1) A Maria coabita com o João.  
(2) O João e a Maria coabitam.

semânticamente classificados como V de relação humana, incluindo, portanto, os V de comunicação, de sentimento e de encontro (1); como verbos psicológicos (2) e simétricos (3). Sintacticamente, A. Meira, ob. cit., descreve ainda como aceitando  $N_0 = N_{Hum}$  e complemento não locativo os V da classe de (1);  $N_0 = F$  os do tipo de (2) e  $N_0$  em coordenação com  $N_1$  aqueles que aceitam a conversão estrutural de (3) (1) e (2).

Estes V, transitivos indirectos segundo A. Meira, de fraca transitividade para J. Fonseca (1981), intransitivos na terminologia gramatical da tradição portuguesa ocorrem com Prep  $N_1$  em sequências visualizadas nas tábuas então elaboradas por A. Meira (1985:106, 119).

Distribuindo-se com Prep obr, conforme prova a agramaticalidade do seu apagamento, também se distribuem com/ou sem Prep, sendo de natureza transitiva directa<sup>5</sup> como ASSISTIR, CHAMAR, OLHAR e indirecta BATER, PUXAR, SACAR, face à alteração nocional acarretada pela presença/ausência de Prep.

Prep insere-se em F regida pelo V e regente de  $N_1$ , integrando a zona de transitividade de V por e la mediatizada. Os V do tipo de (1) ocorrem preferencialmente com Prep A, COM, admitindo  $N_2$  encabeçado por SOBRE, os V da F(2) com Prep DE e os das F(3) com Prep COM. Tais Prep implicam uma selecção léxico-sintáctica quer sob comando de V quer de  $N_1$  ou ainda da própria Prep. Anote-se que A. Meira (1985) analisa em (2) V de  $N_0$  equivalente às sequências estruturais de Que F+Prep  $N_1$ , de O facto de Que F e de F inf de predicado factual ou contra factual (+ conjuntivo/- conjuntivo) do tipo:

- (4)
- (1) Lembra a todos que estavas doente em Janeiro.
  - (2) O facto de lembrar a todos que estavas doente em Janeiro...
  - (3) Lembra a todos o teres estado doente em Janeiro.

Estas F são, no entanto, escassíssimas na amostragem em análise, onde apenas FAZER, FICAR e LEMBRAR<sup>6</sup> ocorrem em circunstâncias aproximáveis a (4), caracterizando-se por aceitar extraposição e deslocação à esquerda. Aqui saliento que, "a regência das orações completivas por preposição" segundo P. Gonçalves (1986:126) pode resultar da "ausência [...] de uma função semântica específica destas preposições", que "parece dificultar a sua utilização", tanto mais que não causam ambiguidade na F, v.g.:

- (5) Lembro-me de que já tinhas falado nisso.

assinalada por imperativos do padrão europeu, mas de frequência já observada no uso que a comunidade moçambicana faz da sua L<sub>0</sub>, como adiante retomarei, e no discurso oral do P<sub>e</sub>, incluindo os 'media'.

Ainda sobre a selecção de Prep, A. Meira constata, confirmando os dados estatísticos do Português Fundamental, que Prep A, COM e DE são as mais frequentes.

Fez-se uma rápida compilação dos V tipo (1)-(3) de A. Meira (1985:1), "complementadores integrativos, homosintagmáticos, de V" para J. Fonseca (1981: 216-218), que aceitam, para este linguista, complementação explícita e implícita, quando economizada<sup>7</sup>, isto é, quando não realizada à superfície, mas presente na enunciação como complemento modular, logo obrigatório que é, arrastando, por vezes, consigo, a economia de Prep, relator para o segundo autor mencionado. Observo, ainda, que alguns V simétricos de A. Meira, ob. cit., são por J. Fonseca designados por sociativos, embora sociativos possam ser também aqueles complementos extra-modulares, relegados pa-

ra o exterior da zona de transitividade, como é o caso do exemplo por ele dado (1981:296):

(6) João almoçou com Pedro.

Representando a descrição de A. Meira (1985) a tabela prescritiva de invariância normalizada para o  $P_e$ , procedo agora a uma inventariação, por amostragem, dos usos dos V daquelas classes, actualizadas em Maputo, cuja lista se segue, em ordem alfabética:

$N_1$  (4ª classe)

	ACABAR	DEDICAR	OCUPAR
	ACEITAR	DEPENDER	ORGANIZAR
	ACUDIR	DESPEDIR	PARTICIPAR
	AJUDAR	DESPEGAR	PASSAR
	AMOSTRAR	DIZER	PEDIR
	APANHAR	ENCONTRAR	PRATICAR
	ASSISTIR	FALAR	PRECISAR
	AVANÇAR	FAZER	PREOCUPAR
	BATER	FICAR	SEPARAR
$N_1$	CHEGAR	FREQUENTAR	SER ALGO
	CLASSIFICAR	GOSTAR	TENTAR
P	COMEÇAR	HABITUAR	TER ALGO
E	COMPLETAR	INCLINAR	TOCAR
R	COMPRAR	INFORMAR	TORNAR
P	CONHECER	INTERESSAR	TRANSITAR
V	CONSEGUIR	IR	VELAR
	CONTACTAR	LEMBRAR	VER
	CONTINUAR	LEVAR	VIR
	CONVERSAR	MANDAR	VISITAR
	COSTUMAR	OBRIGAR	

$N_2$  (9ª classe)

	APROVEITAR	DESLOCAR	GRAMAR
	ASSISTIR	ELEGER	IMAGINAR
	CONCLUIR	ESTAR	IR
	CONHECER	GOSTAR	PROGRAMAR
	COSTUMAR		

Salta à vista a realidade factual de os V em de riva do N<sub>2</sub> representarem apenas cerca de 1/5 das ocorrências em variação, atinentes ao N<sub>1</sub> de escolaridade.

Observando os itens lançados na Tábua 1, A. Meira (1985:106) mas que ocorrem em diferenciação, verifico no N<sub>1</sub>:

- V de transitividade forte, v.g. ACABAR, ocorre em transitividade fraca, segundo J. Fonseca (1981), ou indirecta, no seguimento de A. Meira (1985) pois selecciona Prep (COM, DE).

- Nas sequências com auxiliares aspectuais de desenvolvimento, na terminologia de J. Fonseca<sup>8</sup> (1981:351), e na inserção de Prep, conector entre o auxiliar e o auxiliado<sup>8</sup>, considero que no auxiliar reside o comando das condições de + selecção preposicional, como nas F' aspectuais (7)'-(8)' e modais<sup>9</sup>:

- (7)
- (1) Ele chega a casa.
  - (2)' Ele chega a fazer isso.
- (8)
- (1) Portugal (está+fica) ao Norte de África.
  - (2)' Chuma (está a ir) para a escola.
  - (3) Rungo (anda+continua+está+fica)(para+por) aqui.
  - (4)' O carro costuma andar.
  - (5)' O carro está (a+para) andar.
  - (6)' O relatório está (a+para+por) fazer.

Nos auxiliares de modalidade, nomenclaturado su praticado linguista, encontro a mesma circunstância de ocorrência, vide (9):

- (9) Ele (consegue+deseja+deve) fazer o trabalho.

Diferentemente, na amostragem de casos da L<sub>0</sub> de Moçambique, em Maputo, verificaram-se diferentes condições de ocorrência, de que são exemplo, relativamente a (8), as F (10)-(11).

- (10) (1) \*... cheguei de acabar a sexta classe.  
(2) \*... chegaram de se encontrar no restau-  
rante.  
(11)\*... ficar continuar ver o meu trabalho...

Se (10) selecciona Prep DE, ausente no PE, (11) apaga Prep A, DE, presente no PE. Naquelas e nestas F não há ambiguidade dado que Prep A, DE encerram um semantismo genérico, como Prep de reduzida especialização nocional que são. No que toca à F (9), em Maputo verifiquei o registo de CONSEGUIR DE, que comento do mesmo modo.

- Construções preposicionadas do PE registam-se sem presença de Prep. Tal é o caso de (12):

- (12) (1) \*... acudir mãe dele.  
(2) \*... tentava bater os miúdos.  
... bateu [v] porta.  
(3) \*?... passei ferro. (ou lèxia complexa desfeita?)  
... não pode passar ferro. (idem)

Tais V ocorrem na L<sub>0</sub> de Maputo, segundo a amostragem em análise, sendo portadores de transitividade de forte, mais coesa ao V, já que prescindem da Prep intermediária do Pe. Quanto ao V BATER, concordo com J. Fonseca (1981:234), ao considerar certos V, a indizar 1, 2, 3 etc., que se distribuem com/sem Prep, sendo "verbos transitivos objectivos", "diferenciados no que respeita à relação semântico-funcional", segundo exemplo do próprio autor:

- (13) (1) João bateu o Pedro.  
(2) João bateu no Pedro.

O V PARTICIPAR integra-se neste ponto ao aceitar o apagamento de Prep no uso da L<sub>0</sub> em Maputo, conforme a F seguinte:

- (14) \*... já participei as três provas.

Tratar-se-ia de um PARTICIPAR, nova entrada lexical considerada por A. Meira, ob. cit., como V Prep N<sub>1</sub> apenas.

- A aceitação de FALAR + QUE, cruzamento com a sequência DIZER + QUE F, duplamente desviante, no 'corpus' de Maputo, por aceitar completiva encabeçada de Prep, como:

(15) \*... falou de que foi ao jardim.

não perturba nem impede a cadeia comunicativa, tratando-se de V de comunicação. Tal condição de ocorrência atribui maior fraqueza à coesão concernente ao V.

- Alguns V admitem, na amostragem analisada, diferente regime preposicional, vide (16)<sub>(1)-(2)</sub>:

(16) (1) \*... ele aceita naquela senhora aquilo que disse.

(2) \*... mandou de um padre.

Passando às entradas relativas à Tábua 2, constatado, no N<sub>1</sub>, que SEPARAR se distribui à cabeça de N<sub>1</sub> preposicionado COM:

(17) \*... o meu pai separou com a minha mãe.

- Da listagem atinente ao N<sub>2</sub>, ASSISTIR apresenta o triplo dos registos do N<sub>1</sub>, em ocorrência V N<sub>1</sub>, vide (26), parecendo factor de variância, dando-se o inverso para a sequência GOSTAR N<sub>1</sub>, vide (29)<sub>(4)</sub>, por conseguinte sem carácter de fixação, aparecendo GRAMAR em cruzamento, sintáctico, com GOSTAR DE:

(18) \*... só gramo de assistir.

- Recolhi apenas duas construções, com V de transporte, do tipo das ilustradas no N<sub>1</sub>(42), seleccionadas pelos itens DESLOCAR e IR.

- A problemática da regência nos auxiliares aspectuais de desenvolvimento é idêntica à do N<sub>1</sub>, vi-

de (7) e (8), mas escassa.

- CONHECER não ocorre em contexto locativo mas, e só uma vez, a encabeçar Prep DE:

(19) \*... gostei sempre de conhecer das pessoas lá da Itália.

- O V SEPARAR aceita a mesma selecção, F (17) do N<sub>1</sub>, sendo analisável como item de resíduo sociativo o V SUPORTAR, dado o contexto:

(20) \*... permite-nos suportar com as pessoas.

No entanto, estas actualizações rarearam tanto, exclusive os V auxiliares, como alguns dos V listados que não se integram nas classes apresentadas por A. Meira (1985:106, 119), as quais, de seguida se tratam, segundo a respectiva selecção preposicional no que concerne ao N<sub>1</sub>:

#### 1. + PREP

- Os V de comunicação, v.g. (A)MOSTRAR; DIZER; FALAR; INFORMAR, dos quais o penúltimo constitui V de emprego absoluto ou intransitivo para A. Meira, ocorrem com complemento Que F preposicionado por Prep DE, com texto que vai proliferando no discurso oral do PE, sendo ouvido até nos meios de comunicação, no caso dos dois primeiros V, ou em condicionalismo idêntico à variante brasileira, no caso do item FALAR, que selecciona DE noutros contextos, como FALAR DE. Percorram-se os exemplos:

- (21)
- (1) \*... amostra de que este é o museu.
  - (2) \*... disseram de que precisam de pessoas.
  - (3) \*... falou-me de que foi ao jardim.
  - (4) \*... meu pai tinha informado lá de que eu [...] era miúdo.

A mesma sintaxe é apresentada pelo item VER.

- (22) \*... vi de que ciúmes não pode acontecer.

- outra distribuição, não padronizada, que também consta do PE oral é a das seguintes construções com os V AVANÇAR, CONTACTAR, CONTINUAR, V de norma dupla virtual:

- (23)
- (1) ?... estavam a avançar com o curso.
  - (2) ?... contacto com aqueles colegas.
  - (3) ?... já não podia continuar com os estudos.

- a selecção de Prep EM a enfraquecer a forte transitividade de V como CONHECER, FREQUENTAR, PRATICAR, VISITAR, veicula uma interpretação locativa ausente no PE e diminui a coesão<sup>10</sup> de N<sub>1</sub> a V:

- (24)
- (1) \*... conheci em casa dela.
  - (2) \*... frequentei no primeiro ano.
  - (3) \*... quando pratiquei nisso.
  - (4) \*... visitar lá na África do Sul.

A selecção de Prep EM, (24) (1)-(4), poderá depender de N<sub>1</sub>, cuja interpretação semântica se associa ao locativo.

- Embora caso único, CLASSIFICAR à cabeça de Prep PARA testemunhar uma selecção própria de N<sub>1</sub> residual locativo, v.g.:

- (25) ?... fui classificado? para (+ como) carpinheiro.

## 2. - PREP

- Muito frequente, relativamente aos outros itens, é a sintaxe ASSISTIR N<sub>1</sub>:

- (26) \*... assisti o filme.

Sequência estrutural comum à variante brasileira, é considerada por A. Meira, na ob. cit., como construção V N<sub>1</sub> que admite transitividade indirecta, por ele ilustrada em (27):

- (27) (1) O médico assiste a doente.  
(2) O médico assiste à doente.

Outras ausências de Prep A, mas agora em V de complemento nominal preposicionado, são os registos recolhidos com os V DEDICAR, OBRIGAR, TOCAR:

- (28) (1) \*... tenho-me dedicado questões partidárias.  
(2) \*... sou obrigado vir.  
(3) \*... pede [P] pessoa os estudos.  
(4) \*... tocar [P] campanha.

Saliento que em (28)<sup>(3)</sup> e <sup>(4)</sup> a F é ambigua, podendo tratar-se de inversão  $N_0/N_1$  e não sendo possível detectar o morfema em falta, se se trata do determinante ou da preposição. A comparação com outras formas preposicionais contraídas permite-me avançar que é o determinante o morfema ausente. É possível que um apagamento desta natureza tenha acarretado he situação e tendência para perda de Prep A.

- A transitividade directa dos itens CONVERSAR, DEPENDER, DESPEDIR, GOSTAR, LEMBRAR, PRECISAR, obtidos no 'corpus' em análise, pela perda de Prep DE, afasta-se do PE normalizado e da variante brasileira, percorram-se as F:

- (29) (1) \*... conversamos a vida.  
(2) \*... depende o programa.  
(3) \*... despeço a minha família.  
(4) \*... gosto filmes.  
(5) \*... eu só lembra quando saíram.  
(6) \*... os responsáveis precisam alguma coisa.

Se em (29)<sup>(1)</sup> se trata de mera omissão, em (29)<sup>(2)</sup> talvez a actualização tenha subjacente a presença de Prep DE na lexia verbal, e (29)<sup>(3)</sup> e <sup>(6)</sup> poderão decorrer dos seguintes paralelismos, portadores de diferença nocional nas primeiras F:

- (30) (1) Eu despeço a empregada.  
(2) Eu despeço-me da empregada.

- (31) (1) É preciso concluir o estudo  
(2) Preciso de concluir o estudo.

Prep DE, das mais frequentes do Português Fundamental, tem vindo a ser considerada das mais abstractas da L<sub>p</sub>, quando não locativa, facto que lhe atribui o estatuto de candidata preferencial a apagamento:

- a ausência de PARA, POR nas F abaixo seriadas parece de carácter ocasional, não havendo notícia de registos de frequência noutros estudos realizados em/sobre Moçambique. V.g.:

- (33) \*... Transitei portanto o primeiro e segundo ano.  
(34) \*... o gajo levava cada cabeça milmeticais.

### 3. DIFERENTE SELECÇÃO DE PREP

- a perda da Prep interna, no item DESPEGAR, redobrada no PE pela regência deste V, pode ter causado a analogia com a condição de ocorrência de PEGAR na F:

- (35) \*... despego ao serviço.

- a interpretação semântica de APANHAR Prep N<sub>1</sub> como instrumental poderá estar na base da substituição POR/COM da F passiva:

- (36) \*... foi apanhado com aquele ratoeira.

- mais uma vez Prep DE é preferida para o contexto de Prep A (37), COM (38), EM/POR (39) e POR (40):

- (37) (1) \*... habituaram do clima.  
(2) \*... é obrigado de sair.  
(38) \*... ocupávamos os tempos livres de passei  
os.  
(39) \*... não se interessavam de eu ir à escola.  
(40) \*... eu era doente da música.

- analogamente ao que sucede nos locativos espaciais preposicionados, Prep EM preenche a posição de PARA:

- (41) \*... estou muito inclinado nesse ramo.

- os complementos de meio de transporte atestam um leque de variabilidade preposicional para a posição de DE (- determinado)/EM (+ determinado), v.g.:

- (42) \*... vou (a+através+em+por) comboio.

Além de ASSISTIR, GOSTAR seguidos de  $N_1$ , exemplos da mais alta frequência de variabilidade no  $N_1$ , DESPEDIR, DIZER, VER apresentam apenas três registos aparecendo, quase exclusivamente, em ocorrência única, os restantes itens.

V que não foram produzidos pelos inquiridos do  $N_1$ , são actualizados pelos do  $N_2$  diferentemente do PE padrão e não constam das tábuas de A. Meira, mas integram ocorrências únicas, que passo a ilustrar em F:

- (43) \*... eu concluí de que assim foi.  
(44) \*... foi elegido para ser servente.  
(45) \*... imagino nestas condições.  
(46) \*... estamos assim programados numa palestra.

Em dois itens, ADAPTAR e REFERIR, a ausência do determinante parece afectar a regência preposicional também analisável como "perdida". É o caso de (47)-(48):

- (47) \*... fui-me adaptando [v]quilo. (-Prep)  
(48) \*... que se refere [v] assistência. (-Det)

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

##### 4.1. CONCLUSÕES

Os dados recolhidos apenas permitem considerar factor de variação a selecção dos itens ASSISTIR e GOSTAR. No entanto a amostragem não foi solicitada para este fim e, como todos os 'corpora' de dados, não autoriza generalizações peremptórias.

A variação é pouco sistemática, + frequente no  $N_1$  e, portanto, corrigível.

Em Moçambique, o aprendente, na sua quase totalidade, reduzido à artificialidade da sala de aula e à leccionação por falantes nativos de  $L_b$  que, atendendo à baixa escolaridade dos professores em geral, muito provavelmente apresentam uma competência incompleta bastante afastada do falante idealizado, em contra-se particularmente condicionado quer pela sua  $L_1$ , quer pela aprendizagem de erros do modelo de  $L_0$  promovido pelo professor.

M. Torre (1985:33) refere as dificuldades internas da língua, dificuldades intra-linguais<sup>11</sup>, muito frequentemente de natureza sobre-generalizante de regras e omissora de restrições. Referindo que verificou idênticos erros na actualização de F inglesas por falantes nativos de diversas  $L_1$ , M. Torre afirma (ob. cit.:37): "em teoria, os erros inter-linguais são aqueles que todos os aprendentes independentemente do seu 'background' linguístico, estão sujeitos a cometer atribuindo às 'características particulares' de uma dada língua as produções errôneas comuns dos seus aprendentes cuja  $L_1$  seja diversa."

A interferência<sup>12</sup> da  $L_1$ , contacto entre as duas línguas em causa, provoca os erros inter-linguais, resultantes do desajustamento entre aquelas, desajustamento veiculado por traduções "literais", numa interferência que M. Torre classifica de directa (ob. cit.: 39-50), v.g. (49), ou em interferência

indirecta, v. g. (50), que o mesmo autor (ob. cit.: 50-54) considera típica dos erros na selecção lexical:

(49) \* I don't see my cousin a long time ago.

(50) \* What the own author does.

Se o objectivo do ensino, das línguas estrangeiras é obter uma 'performance' o mais próxima possível do falante nativo, na situação da  $L_p$  como  $L_0$  existe ainda a questão de descrever o que se entende por modelo do falante, o que envolve questões concernentes à norma do PE "herdada" do passado ou a hipotética norma moçambicana, na qual talvez cristalizem "erros" relativos ao padrão do PE, assumidos como nova variante. Estar-se-á perante variação linguística ou trata-se de uma competência transitória? Eis uma questão crucial para o problema de saber que Português ensinar nas escolas moçambicanas.

Os dados analisados não apontam para a hipótese de nova variante já fixa, apenas reflectem factores de orientação de deriva, como seja a distribuição ASSISTIR  $N_1$  que é deduzível da norma do próprio PE, que a admite sob certas condições contextuais.

No entanto, a mancha populacional inquirida é aulta e reflecte um uso da  $L_p$  em que cristalizaram derivas à norma do PE. A tentativa feita de identificação e descrição explicativa do erro permite uma programação da aprendizagem da  $L_0$  que, prevendo a tendência para perda de Prep A, DE ou o respectivo emprego em "excesso" e a sobregeneralização da Prep EM em contextos residuais de locativo, insista na distribuição de itens verbais de uso + frequente, que seleccionem tais Prep.

#### 4.2. PROPOSTAS

A breve descrição feita constitui na identificação e explicação intra-lingual das ocorrências diferenciadas, tendo-se considerado variante em curso de fixação a sequência ASSISTIR  $N_1$ , sendo corrigíveis as restantes produções já que rareiam e diminuem ou desaparecem com a elevação do nível de instrução.

Proponho a necessária investigação em 'corpora' mais amplos, e para tal solicitados com a subsequente análise contrastiva - comparação dos V com complementos nominais preposicionados das  $L_b$  mais faladas em Maputo.

Um estudo complementar da área da psicolinguística, permitiria, após conhecimento do conjunto de causas originadoras dos erros identificados, escalonar a aprendizagem da tipologia de complementos preposicionados, seleccionados por cada um dos itens verbais mais frequentes, nas situações comunicativas mais necessárias, a adaptar do nível limiar da  $L_p$ , projecto em conclusão.

A pertinência em adequar as fases de aprendizagem da  $L_0$  aos períodos piagetianos de desenvolvimento cognitivo foi apontada por L. Crispim (1987:23) ao criticar uma das primeiras pesquisas, perspectivadas segundo a análise de erros, realizadas sobre o uso escrito da  $L_p$  em Moçambique. Nesta perspectiva, seria imprescindível, para finalizar, proceder-se à definição da fase de aprendizagem em que as sequências erróneas surgem e se cristalizam e compará-las procedendo por amostragem, com 'corpora' de usos de falantes nativos do PE do mesmo nível etário.

## NOTAS

- (1) Na ausência de pesquisa concluída na área, o critério das frequências foi aceite reconhecendo-se o grau de relatividade que o compromete, dadas as conhecidas estratégias para evitar o erro das quais todo o falante faz uso.
- (2) Classifica-se de ocorrência diferenciada toda aquela que se afaça das prescrições normativas das gramáticas e dicionários do português contemporâneo.
- (3) Neologismo introduzido por M. Torre (1985) e A. Franco (1986) retomado no projecto de elaboração do nível limiar da língua portuguesa, em curso.
- (4) Usou-se o conceito de palavra gráfica definido pelo Português Fundamental. (1987).
- (5) A transitividade directa (A. Meira, 1985) ou forte (J. Fonseca, 1981) é comprovada pela aceitação da passiva e da pronominalização O.
- (6) Verbo com segunda entrada lexical portadora de predicação com completiva objecto encabeçada por Prep DE, v.g.:  
(51) Lembrei-me de ir ao Porto.
- (7) Distingue-se do complemento interno pelo facto de este constituir processo de projecção da lexia verbal, v.g.:  
(52) Choveu uma chuva miudinha.
- (8) Para J. Fonseca (1981:351), "No seio de um SV, o auxiliado é sempre o seu centro estruturador (logo, um verbo absoluto). No entanto, a auxiliarização deste pode ser imediata (tenho trabalhado, estou a trabalhar...) ou mediata (tenho estado a trabalhar, tenho querido trabalhar...). A auxiliarização mediata de um verbo (absoluto) surge, pois, quando um dado auxiliar deste é por sua vez também auxiliado."
- (9) A gramática tradicional classifica de transitivos/intransitivos os V que neste estudo, considero transitivos, directos ou indirectos, quando os complementos não são ou são mediatizados por Prep, o que, em J. Fonseca (1981:2478) se classifica em V de transitividade forte e fraca, dado que estes últimos são mais independentes do V quando em presença de Prep, por conseguinte implicitamente menos coesos àquele, mas ainda situados na zona de transitividade.
- (10) "... quanto maior for a carga sémica do relator, menor será o grau de coesão do sintagma em que ele esteja presente como articulador dos termos em combinação"... citando J. Fonseca (1981:362).
- (11) Por interferência, P. Gonçalves (1985:4), da Universidade Eduardo Mondlane, entende o facto de um indivíduo bilingue utilizar "numa língua alvo A, um traço fonético, morfológico, lexical ou sintáctico característico da língua B."

- (12) P. Gonçalves (1985:127) considera que "o processo de mudança pode ser mais ou menos controlado pelas instituições que conseguiram a sua difusão (da Lo) mas nunca se poderão evitar fenômenos de diferenciação", mas salienta também (1985:125) que "Em qualquer língua, existe sempre estruturas cuja realização, por razões variadas, apresenta dificuldades. Em certos casos, essas dificuldades são sentidas pelos próprios falantes natos dessa língua; noutros casos, trata-se de dificuldades sentidas por qualquer aprendiz dessa língua, independentemente da estrutura da sua língua materna. A identificação dessas áreas de complexidade pode contribuir para uma melhor planificação de programas de ensino dessa língua, quer como língua primeira, quer como língua estrangeira.

#### R E F E R Ê N C I A S

- CRISPIM, L. 1987, "Comentários", in Angolê nº5, Lisboa, Ed. da Embaixada de Angola.
- DINIZ, M. J. 1986, "Análise de erros na frase relativa", dissertação para licenciatura em Letras Modernas, Faculdade de Letras da Universidade Eduardo Mondlane, Maputo (não publicado).
- FARIA, J. H. 1984, "Auto-referência...", dissertação para doutoramento em Linguística, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Lisboa (não publicado).
- FERNANDES, F. 1979, Dicionário de Verbos e Regimes, Rio de Janeiro, Ed. Globo.
- FONSECA, J. E. 1981, "Coesão em Português", dissertação para doutoramento em Linguística, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto (não publicado).
- FRANCO, A. C. 1986, "Uma análise de erros no âmbito do português-alemão", dissertação complementar para doutoramento em Linguística, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto (não publicado).
- GONÇALVES, M. P. et al, 1985, "O Português em Moçambique - Análise de erros em construções de subordinação", policopiado da Faculdade de Letras da Universidade Eduardo Mondlane, Maputo (não publicado).
- MEIRA, A. 1985, "Contribuição para o estudo dos verbos com complementos nominais preposicionados", dissertação para mestrado em Linguística, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Lisboa (não publicado).
- GONÇALVES, E. R. 1966, Vocabulário da Língua Portuguesa, Coimbra, Ed. Coimbra.
- TORRE, M. C. 1985, "Uma análise de erros", Vol. I, dissertação para doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto (não publicado).